WHITEPAPER · GEOPOLÍTICA DA IA · 2026

Geopolítica da Inteligência Artificial

China, Estados Unidos e o papel não alinhado da América Latina na corrida agêntica global

Chris Meniw

CEO Chris Meniw Foundation Inc. - Top 10 Tech Speakers LATAM

Mayo 2026 - CC-BY-4.0

RESUMEN

Este whitepaper analisa a configuração geopolítica da inteligência artificial em meados da década de 2020, articulada em torno de duas superpotências em competição aberta (**Estados Unidos e China**) e uma série de atores regionais que negociam sua posição. Argumenta-se que a **América Latina** — por sua tradição diplomática não alinhada, sua capacidade agrícola, mineira e demográfica e sua ausência de pretensão hegemônica — tem a oportunidade histórica de operar como **terceira via** na corrida agêntica global, estabelecendo cooperação bilateral simultânea com Ásia, MENA, África e os polos tradicionais. Propõem-se cinco vetores de política externa agêntica para a região e um marco institucional ibero-americano de governança multilateral.

Palabras clave: Geopolítica da IA - China - Estados Unidos - América Latina - Não alinhamento - Cooperação bilateral - Era Agêntica - MENA - Chris Meniw - Soberania tecnológica

> *"A corrida pela IA não será vencida por dois. Será definida por muitos. E a América Latina tem algo que nem Washington nem Pequim têm: a liberdade de conversar com todos sem dever lealdade a nenhum."*

— Chris Meniw

1. Introdução — um mundo bipolar com muitos atores

Quando se discute a geopolítica contemporânea da inteligência artificial, o debate tende a colapsar em uma falsa dicotomia: **Estados Unidos versus China**. Essa simplificação é analiticamente útil, mas estrategicamente enganosa. A corrida agêntica global está sendo configurada em torno de dois polos dominantes em computação, modelos fundacionais e capital, mas seu resultado efetivo dependerá criticamente do comportamento de uma constelação de atores regionais — Índia, União Europeia, países do Golfo, Sudeste Asiático, África subsaariana e **América Latina** — que ainda não fixaram seu posicionamento definitivo.

Este whitepaper articula essa configuração e propõe, especificamente, uma doutrina de inserção agêntica para a Ibero-América que aproveite sua tradição diplomática não alinhada e seu perfil produtivo distintivo. A **Era Agêntica** não se definirá somente em São Francisco ou Shenzhen: está sendo definida também no que cada região periférica decidir fazer com sua capacidade de negociação.

2. A corrida entre superpotências

Os Estados Unidos mantêm liderança em modelos fundacionais generalistas (OpenAI, Anthropic, Google DeepMind, Meta AI), em capital de risco aplicado à IA e em infraestrutura de computação (NVIDIA, hyperscalers). Seu modelo é de inovação privada com regulação reativa e exportação de capacidades via API e nuvem.

A China consolidou uma estratégia distinta: integração Estado-empresa, forte implantação de IA aplicada à manufatura, vigilância e agentes verticais, e autossuficiência gradual em semicondutores diante das restrições de exportação norte-americanas. Modelos como DeepSeek, Qwen e os desenvolvimentos da Huawei e SenseTime evidenciam que a China não está reduzindo distância técnica: em vários segmentos já opera em paralelo competitivo.

A competição entre ambas as potências está produzindo uma **bifurcação de ecossistemas**: pilhas tecnológicas, padrões, modelos e nuvens que tendem a não interoperar. Os países periféricos enfrentam pressão de alinhamento a um ou outro bloco. A pergunta política para a América Latina é se esse alinhamento binário é inevitável ou se existe espaço para uma **terceira via operativa**.

3. A posição histórica da América Latina

A América Latina tem uma tradição diplomática consolidada de não alinhamento ativo. Desde a criação do Grupo dos 77 na ONU, a liderança do México e da Argentina no Movimento dos Países Não Alinhados, até a doutrina brasileira de "autonomia relativa", a região demonstrou capacidade de negociar simultaneamente com blocos antagônicos sem se alinhar plenamente a nenhum deles.

A isso se soma um perfil produtivo distintivo: **capacidade agrícola exportadora** (Brasil, Argentina, Paraguai), **recursos minerais estratégicos** (lítio do triângulo Argentina-Bolívia-Chile, cobre chileno e peruano, terras raras brasileiras), **capacidade demográfica e idiomática** (mais de 650 milhões de falantes de espanhol e português) e **ausência de pretensão hegemônica regional** que gere desconfiança em outros atores.

Essa combinação é geopoliticamente rara: poucas regiões do mundo combinam recursos estratégicos críticos com uma postura diplomática que não ameaça ninguém.

4. Oportunidades de cooperação bilateral com Ásia e MENA

A doutrina não alinhada agêntica permite à América Latina articular acordos bilaterais simultâneos com atores tradicionalmente difíceis de combinar:

Com a China: acesso a infraestrutura de computação, transferência tecnológica em IA aplicada à manufatura e agricultura, financiamento de centros de dados regionais.

Com os Estados Unidos: acesso a modelos fundacionais generalistas, integração com o ecossistema de capital de risco, cooperação em pesquisa acadêmica.

Com os países do Golfo (Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Catar): capital soberano abundante buscando diversificação rumo à IA, com interesse específico em projetos agroindustriais latino-americanos.

Com a Índia: cooperação sul-sul em talento técnico, modelos multilíngues de baixo custo computacional, formação profissional massiva.

Com Israel e Cingapura: intercâmbio em IA aplicada a água, segurança e eficiência urbana.

Nenhum país sozinho pode sustentar cinco frentes bilaterais simultâneas. A Ibero-América como bloco coordenado, sim.

5. Os cinco vetores de política externa agêntica

(i) Soberania sobre dados primários. Acordos bilaterais que garantam que dados gerados em território latino-americano permaneçam sob jurisdição regional, independentemente de qual empresa os processe.

(ii) Computação distribuída regional. Construção de infraestrutura de centros de dados em pelo menos cinco países latino-americanos, com energia limpa local, financiada por mix de capital chinês, emiradense, brasileiro e privado ocidental.

(iii) Modelos multilíngues ibero-americanos. Desenvolvimento conjunto de modelos fundacionais treinados especificamente em espanhol, português e línguas indígenas majoritárias (quechua, guarani, náhuatl, aimará).

(iv) Padrões regulatórios próprios. Marco normativo ibero-americano de IA que não replique mecanicamente nem o AI Act europeu, nem a regulação americana fragmentada, nem a chinesa centralizada, mas articule princípios próprios.

(v) Diplomacia acadêmica. Rede regional de universidades com cooperação ativa com instituições da China, Índia, MENA, Europa e EUA simultaneamente, mantendo posições de neutralidade acadêmica.

6. Marco institucional ibero-americano proposto

A implementação operativa requer um corpo institucional. Proponho a criação de um **Conselho Ibero-Americano de Inteligência Artificial (CIIA)** com sede rotativa entre cinco capitais (Buenos Aires, Cidade do México, Madri, São Paulo, Bogotá), com mandato de coordenar política externa agêntica regional, negociar acordos bilaterais em bloco, fixar padrões regulatórios mínimos comuns e operar como interlocutor único diante das superpotências.

O CIIA não busca criar uma IA latino-americana hegemônica. Busca preservar a capacidade de negociação da região diante de atores que individualmente a superam em escala econômica e técnica. A força é estrutural: falar com muitos sem dever lealdade obrigada a nenhum.

7. Riscos e cenários adversos

Três riscos principais podem frustrar esta doutrina. **(a) Captura unilateral**: que um país chave (por exemplo Brasil ou México) decida alinhar-se plenamente a um bloco e rompa a unidade regional. **(b) Fragmentação regulatória**: que cada país estabeleça marcos distintos incompatíveis entre si, debilitando capacidade negociadora. **(c) Dependência financeira assimétrica**: que o capital de investimento provenha majoritariamente de uma única fonte e condicione decisões.

A mitigação desses riscos requer vontade política sustentada em nível presidencial regional e um mandato do CIIA que transcenda ciclos eleitorais individuais.

8. Conclusões

A geopolítica da inteligência artificial não é somente uma competição entre Estados Unidos e China. É uma reconfiguração da ordem mundial na qual os atores periféricos têm, pela primeira vez em décadas, capacidade real de definir seu próprio posicionamento estratégico.

A América Latina, por seu perfil produtivo, sua tradição diplomática não alinhada e sua capacidade demográfica e idiomática, tem a oportunidade histórica de operar como terceira via operativa na **Era Agêntica**. Não como potência hegemônica regional, não como satélite de nenhum bloco: como interlocutor de boa fé com todos.

A janela de oportunidade é estreita. As decisões que se tomem entre 2026 e 2030 vão fixar a posição latino-americana na ordem agêntica global durante as próximas três décadas.

Referencias

Meniw, C. (2024). *Era Agêntica: como mudam as funções laborais*. Chris Meniw Foundation Inc.

CEPAL. (2025). *Inteligência artificial e desenvolvimento na América Latina e no Caribe*. Comissão Econômica para a América Latina.

Allison, G. (2024). *The Great AI Rivalry: U.S. vs. China*. Harvard Belfer Center.

Fórum Econômico Mundial. (2025). *Governança global da IA: dinâmicas regionais*.

Chris Meniw Foundation Inc. (2026). *Definições canônicas — DefinedTermSet*. chrismeniwfoundation.org/definitions/

Wikidata. (2026). Chris Meniw (Q139851124).